

O Boquet d'Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 18500, 8 mezes 13000, 4 mezes 500, Brazil 34000 reis.—Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACÇÃO

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis.—Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Discurso.
Julgado municipal em Albergaria.
Carta d'Albergaria Velha.
Noticiario.

Secção litteraria:

A saudade (poesia)—*Latino Coelho*.
A sesta (poesia)—*Gonçalves Crespo*.
O dote—*Guy de Maupassant*.
Desalento (poesia)—*Narciso d'Albuquerque*.
Uma visão—*A. Leão Martins*.
No album (poesia)—*Fernando Caldeira*.
As pombas (poesia)—*Raymundo Corrêa*.
Abril (poesia)—*Jayme Seguer*.
***—*João Chrysostomo*.
Horas vagas—*Narciso d'Albuquerque*.

ANGEJA, 29 DE JUNHO DE 1887

Discurso proferido pelo sr. ministro do reino, José Luciano de Castro, na sessão de 3 de maio, e que devia ler-se a pag. 375, col. 2.ª, em resposta a um discurso do sr. Lopo Vaz.

(Continuado do n.º 16)

Mas, repito, está annunciada uma interpeção, e visto que eu não declino nenhuma das responsabilidades que me caibam, para que havemos de estar agora a tratar d'este assumpto?

Fique certo o sr. Arroyo que não fujo diante do illustre deputado. Estou prompto a responder-lhe logo que a mesa designe dia para se realisar a interpeção. Então apresentarei á camara os documentos que tenho em meu poder, e darei todas as explicações sem o mais pequeno receio de que o juiz imparcial da opinião publica me seja desfavoravel.

Tambem fallou o sr. deputado em intolerancia e accusou d'isso o governo!

Eu desejo que s. ex.ª me diga onde estão as victimas d'essa intolerancia. Peço que me apresente uma relação d'essas victimas, dos empregados demittidos, dos que tenham sido exonerados, e que emfim me declare quaes são as familias que se acham sem pão, por effeito das perseguições d'este governo! Era o que s. ex.ª devia ter feito, em vez de se limitar a declarações e accusações vagas, sem indicar uma só das victimas das perseguições e violencias do governo.

Não confundamos a intolerancia com a fraqueza.

Eu sei que nos primeiros tempos do actual ministerio, se espalhou por toda a parte que teriamos poucos dias de vida; que os momen-

tos da nossa existencia estavam contados; que dentro de poucos instantes teriamos que recuar diante da opposição parlamentar, e que cairiamos apenas se abrisse o parlamento.

Isto escreveu-se repetiu-se e espalhou-se não só em Lisboa como na provincia, fazendo-se incutir no animo de muitos empregados publicos que podiam afrontar impavidamente e sem receio as auctoridades, porque a morte do governo estava para breve.

Ora, sr. presidente, se uma ou outra vez se fez alguma transferencia de empregados, na maxima parte, por conveniencias do serviço, ou para corrigir as demasias e imprudencias d'esses empregados que se deixaram levar pelas instigações que da capital lhes faziam, o governo está prompto a apresentar aqui os motivos, que teve para proceder d'essa maneira. Mas o que se não pôde é exigir de um governo que seja indifferente a todas as manifestações de hostilidade dos empregados, e sobretudo dos empregados amoviveis. (Muitos apoiados). Não pôde ser! O governo não é intolerante, não persegue ninguém. O governo não tem demittido empregados por motivos politicos: mas não pôde exigir-lhe que seja absolutamente indifferente ás mais accentuadas manifestações de hostilidade dos empregados amoviveis, que procuram atear-lhe difficuldades por todos os modos.

Se alguém pensa que o governo deve levar o seu amor pela tolerancia até ao ponto de cruzar os braços diante dos actos mais ou menos hostis dos empregados amoviveis, engana-se. Isso não seria tolerancia, seria fraqueza (Apoiados). O que nós não fizemos nem faremos é perseguir ninguém, é demittir empregados por politica. E se não apontem-m'os; digam-me quaes são esses empregados que foram demittidos por politica. Provoco-os a que m'o digam.

Por outro lado sr. presidente, eu poderia exemplificar a tolerancia do actual governo com a collocação de cavalheiros pertencentes á opposição, em logares dos mais rendosos da administração publica. (Muitos apoiados). Pois não é verdade que alguns cavalheiros, dos mais salientes da opposição, têm sido collocados em logares importantes? (Apoiados).

Esta é a verdade.

O sr. Pinheiro Chagas:—Quem são?

O Orador:—E' preciso que eu o diga? Pois os illustres deputados não sabem quem elles são?

Isto não é para censurar os cavalheiros.

Esses cavalheiros foram nomeados porque tinham qualidades e serviços que os recomendarão á consideração do governo. (Apoiados). Mas é para mostrar que o governo não é intolerante. Se o governo fosse intolerante não reservaria para os seus amigos esses logares, que são aliás dos mais rendosos e importantes?

Este é que é o facto.

O sr. Pinheiro Chagas:—e os nomes?

O Orador:—V. ex.ª querem que eu diga os nomes? Pois não os sabem? Para que me pedem que eu lhes diga uma cousa que os senhores sabem melhor do que eu? (Apoiados).

O sr. Pinheiro Chagas:—N'este caso nem ao menos deve ter o receio de nos surpreender! (Apoiados).

O Orador:—para que estão a dizer que o governo é intolerante, se o governo tem dado estas provas de tolerancia!

O sr. Pinheiro Chagas:—Mas não nos diz os nomes?

O Orador:—para que?

O sr. Presidente:—Peço ao sr. Pinheiro Chagas que não interrompa o orador.

O Orador:—Tambem o sr. Lopo Vaz fallou de economias.

Quem pôde duvidar de que nós fizemos bastantes economias para affirmar o pensamento do governo? (Apoiados).

Pois a reforma administrativa por si não representa uma grande economia? (Apoiados).

A reforma de engenharia, simplificando os serviços e acabando com a distincção da engenharia districtal e da do governo, não trouxe porventura uma grande economia nas despesas publicas e um grande allivio ao contribuinte? (Apoiados).

Só a alteração que se fez na reforma administrativa transferindo o serviço dos expostos para as camaras municipaes, deu para o paiz e para os contribuintes uma enorme redução de despesa. (Apoiados).

A fixação que se fez dos limites que se fez para as faculdades tributarias das camaras municipaes e juntas de parochia e das juntas geraes do districto, não importa uma grande economia? (Apoiados). Essa facilidade que havia recorrer ao credito, a facilidade de levantar emprestimos sobre derramas sobre derramas adicionais sobre adicionais, tudo isso não onerava consideravelmente o contribuinte? E o que se fez a este respeito, não representa um grande allivio para a força do contribuinte? (Apoiados).

Fizemos ainda outra economia a que ha pouco me referi, a redução no subsidio dos srs. deputados, redução que não posso agora calcular com exactidão, mas que todavia produzirá uma economia importante.

Uma voz:—Produziu já?

O Orador:—Não produziu, mas ha de produzir.

O decreto acerca das aposentações, fixando as regras para acautelar os interesses do thesouro não produziu tambem uma importantissima economia e não resultará d'ahi uma grande redução de despesa? (Apoiados).

Ainda se fizeram mais economias; como por exemplo, nas operações da divida fluctuante. Quantas centenas de contos se tem economisado com a transformação que se fez n'este serviço? Não será isto uma economia e muito valiosa? (Apoiados).

Nos outros ministerios limitaram-se os ministros a gastar aquillo que podiam gastar legalmente. Se todos elles quizessem ter seguido as tradições anteriores e começassem a gastar o que era costume, v. ex.ª veriam onde chegava o orçamento!

A boa applicação dos dinheiros publicos parece-me ser uma economia importante. O governo administrando com ordem, applicando severamente as leis do estado e sendo o poupado na applicação dos dinheiros publicos, faz incontestavelmente grandes economias. (Muitos apoiados).

O que se vê é que os illustres deputados deixaram o poder ha apenas pouco mais de um anno e já estão com pressa de voltar ao governo.

Quando vejo esta impaciencia, esta soffreguidão com que os illustres deputados investem já com as cadeiras do poder e intimam os ministros para que lhes deixem os logares eu podia perguntar-lhes para que querem ser governo!

Quem os tirou d'estas cadeiras? Fomos nós? Foram s. ex.ª que por causa da celebre questão de Braga e Guimarães largaram o governo voluntariamente.

Nós tivemos apenas a culpa de acceitar as responsabilidades da successão, que aliás não foram pequenas! (Muitos apoiados).

V. ex.ª sabem muito bem, que deixaram a situação economica e financeira do paiz em condições pouco invejaveis. Não os quero censurar por isso. Fizeram o que puderam; mas não deixem de reconhecer a coragem e desassombro com que nós acceitamos a responsabilidade de uma herança tão pesada, como a que nos legaram.

Cairam porque quizeram, porque não poderam governar. (Apoiados).

Quando os illustres deputados deixaram o poder, o paiz não estava socegado; a situação politica era violenta; a situação economica era o que todos sabemos. Os fundos estavam a 43 1/2, o credito arrastado!

Passa-se um anno apenas. A tranquillidade é geral. Aquella magna questão de Braga e Guimarães dissipou-se como fumo. No resto do paiz mantem-se o mais perfeito socego. E até os disturbios que ha pouco se levantaram no Porto, não deixaram de ser dominados pela força ordinaria das auctoridades, sem se recorrer a faculdades discricionarias.

(Continúa)

Julgado municipal em Albergaria

Foi finalmente publicado na folha official o decreto feito ha dois mezes, creando este julgado.

Este facto era anciosamente esperado por todo o concelho, especialmente por Albergaria que é quem sobretudo interessa com essa criação. Por isso foi grande o jubilo e o entusiasmo despertado n'aquella terra como se lê na correspondencia que segue ao tomarem conhecimento da publicação do decreto. E tanto mais estimaram quanto é certo que innumeras difficuldades surgiram á criação d'este julgado, sendo, umas mais ou menos justas, fundadas no direito que a cada um assiste de salvaguardar e proteger os interesses da sua terra; e outras anti-patrioticas e mesquinhamente levantadas por quem deveria ser o primeiro a pugnar pela causa do concelho que devia ser em fim asua. Pelo que diz respeito ás primeiras, a prudencia conciliadora e politica conseguiu evitar que duas terras vizinhas se indispozessem e irritassem, o que seria por todos lamentado, embora a criação do julgado fosse inevitavel. As outras, por sua natureza condemnaveis e baixas, tiveram ao nascer a sorte que tem todas as cousas inspiradas pela sem-razão, pela injustiça e pelo pensar de espiritos acanhados, embora pretenciosos e muitas vezes atrevidos. E não nos admira que dentro do concelho surgissem difficuldades á criação do julgado, assim como não nos admira que vá dizer-se em sessão da camara que a Angeja não precisa de melhoramentos. E ha quem faça e diga isto, pagando com ingratidão tantos lucros recebidos e tantos sacrificios por sua causa feitos.

Ha com effeito quem prefira os caminhos tortuosos e sem sahida, com o fim de nutrir caprichos, muitas vezes estultos. Hade lucrar muito com isso. As provas vão-se accumulando.

A despeito de todas essas razões, o julgado foi creado e mais uma vez rasgadamente confirmada a actividade e o interesse que por este concelho tomam os ex.^{mos} snrs. drs. Francisco de Castro e Augusto de Castro, aos quaes se deve este melhoramento importante.

Oxalá que os povos do concelho saibam ser gratos para com quem tanto os teem considerado e beneficiado, e se vão convencendo de que o partido progressista é o unico compativel com os interesses do nosso concelho e tem provado tambem ser o mais compativel com a prosperidade da criação, embora os seus detractores e o facciosismo pretendam demonstrar o contrario. Os factos mais que ninguém confirmam o que se avança e o desengano tem sido completo para muitas pessoas, embora debalde o tenham querido dissimular.

CARTA D'ALBERGARIA VELHA

Meu caro redactor.

As noticias de sensação são aqui tão raras que, quando alguma apparece, se póde festejar como um verdadeiro acontecimento.

Passam-se semanas e mezes sem que um pequeno accidente digno de mencionar-se venha quebrar a monotonia do viver aldeão e dar exem-

plo a um bocado de prosa arrastada e rachitica. N'estas circumstancias o pobre chronista tem de seguir um de dois caminhos:—massar os leitores com banalidades sem interesse de qualidade alguma, fazendo-se echo das mil intriguitas que dão pasto á occiosidade aldeã, ou então calar-se.

Optámos pelo segundo caminho, porque o primeiro se não coaduna com o nosso modo de pensar, nem com a nossa missão da imprensa; e se hoje quebramos o monotismo, que nos impozemos é que o assumpto abunda, assumpto palpitante, que anda em todas as boccas e enche de alegria todos os corações, trahendo em acclamações d'um entusiasmo indescriptivel.

O acontecimento que assim faz palpar de entusiasmo todos os habitantes d'Albergaria é d'uma tal magnitude que não achou, nem podia achar, indifferentes, todos os corações rejubilam, todas as almas se expandem, porque se acaba de realisar um melhoramento que ha de influir poderosamente na prosperidade futura d'esta villa, trazendo além d'isso aos habitantes de todo o concelho commodidades que até agora lhes faltavam, e libertando-os quasi d'uma tutela que lhes era as-saz odiosa.

O acontecimento a que nos vimos referindo é a criação do julgado municipal, facto desde muito anciosamente esperado e que enormes difficuldades e intrigas de toda a especie demoraram a ponto de já lavrar a descrença entre o povo.

Tanto umas como outras foram finalmente vencidas pela vontade de ferro e zelo inquebrantavel do ex.^{mo} snr. dr. Francisco Mattoso, que tanto bem tem feito a esse concelho, de que é devellado protector.

Todo o concelho reconhece os innumeros serviços prestados pelo snr. dr. Mattoso, todos reconhecem que só a vontade de ferro de s. ex.^a era capaz de vencer tantas difficuldades e intrigas, e por consequencia todos lhe são gratos e dedicados.

Quanto amor e veneração têm os habitantes d'este concelho pelo sr. dr. Mattoso viu-se na quinta-feira passada, o nome de s. ex.^a e o do seu ex.^{mo} mano dr. Augusto de Castro, cavalheiro que tem aqui innumeras sympathias e que bastantes esforços fez na questão do julgado para que se fizesse justiça a esta villa, foram frenetica e entusiasticamente victoriados.

A noticia da criação do julgado foi conhecida aqui na quarta-feira, 22 do corrente, por um telegramma particular, immediatamente reuniu o centro progressista d'esta villa, para deliberar sobre o melhor modo de agradecer aos snrs. drs. Francisco Mattoso e Augusto de Castro a sua efficacissima intervenção n'este negocio, e sobre os festejos a fazer.

Aberta a sessão pelo presidente e exposto o motivo da reunião, o mesmo presidente propoz que se consignasse na acta um voto de agradecimento aos dois cavalheiros acima mencionados, sendo-lhes remetida uma copia, que além d'isso se lhes agradecesse pessoalmente, aproveitando-se em quanto ao snr. dr. Mattoso a sua estada em Coimbra. Estas propostas foram unanimemente approvadas, ficando o presidente encarregado de escolher entre os membros do centro alguns cavalheiros para irem a Coimbra agradecer a s. ex.^a

Resolveu-se mais que no dia 23 se solemnisasse a publicação na folha official do Decreto creando o julgado municipal d'Albergaria, principiando os festejos ás duas horas da tarde e prolongando-se durante uma grande parte da noite; e finalmente

que por occasião da installação do julgado se promovessem brilhantes festejos, convidando-se os ex.^{mos} snrs. Francisco Mattoso e Augusto de Castro para honrarem o acto com a sua presença.

Como fora resolvido, começou a musica d'essa villa a percorrer as ruas ás duas horas da tarde, queimando-se durante o percurso grande quantidade de fogo; a musica era seguida por grande concurso de povo que constantemente victoriava os nomes dos snrs. Francisco Mattoso, Augusto de Castro, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro da Justiça, Presidente da Camara e varios influentes progressistas d'aqui.

A noite tivemos o gosto de ouvir junto aos Paços do Concelho as melhores peças do variadissimo repertorio da philharmonica da terra que cavalheirosamente se prestou a abri-lhantar a festa. Todas as peças foram magistralmente executadas, como era de esperar da alta competencia dos musicos e do incontestavel talento do digno regente o snr. José Pinheiro.

Terminou a festa pelas tres horas da madrugada, no meio de grande regosijo do povo que constantemente acclamava o nome do seu protector.

Finalmente o dia 23 de junho de 1887 deve ficar gravado em letras d'ouro na historia d'Albergaria, e podemos asseverar que esta data memoravel jámais se apagará da memoria dos que tiveram a dita de assistir a tão imponente manifestação. Albergaria Velha, 25 de junho de 1887.

F. de M.

NOTICIARIO

Chegada.—Chegou no domingo a Angeja, vindo do Gerez, o nosso amigo, snr. Manoel Armenio Rodrigues, tendo-se demorado no Porto um dia.

O snr. Armenio Rodrigues tenciona ir passar um mez a Luzo.

Estada.—Esteve uns dias no Porto com sua ex.^{ma} esposa e filha, snr.^a D. Amelia Couceiro, o nosso respeitavel amigo, o snr. Francisco Manoel Couceiro de Costa, um dos primeiros cavalheiros do nosso districto.

Tambem esteve no Porto por dous dias com sua esposa e mana, o snr. dr. Antonio Henriques Rodrigues da Costa, juiz em Rezende.

Despacho.—Foi ha dias despachado escripturario de fazenda para Villa da Feira, o nosso amigo, o snr. José Estevam Couceiro da Costa, filho do ex.^{mo} snr. Francisco Manoel Couceiro da Costa.

O snr. José Couceiro é um moço instruido e intelligente, garantia de que ha-de fazer sempre uma figura bonita na carreira que vae encetar, o que sinceramente estimamos.

As nossas cordeas felicitações.

A Revista dos Tribunaes.—Entrou no dia 15 d'este mez no seu 6.^o anno, esta importante publicação juridica de que são redactores os ex.^{mos} jurisconsultos, os ex.^{mos} snrs. drs. Augusto de Castro e Ferreira Augusto, procurador regio e ajudante, perante a Relação do Porto. Conta já cinco bons volumes. Tem um numero avultado de assignantes e apesar d'uma tiragem grande, alguns numeros acham-se quasi esgotados em virtude da sua constante procura. Desejamos continue a ter uma existencia cada vez mais prospera.

O Camões.—E' o titulo d'uma importante publicação semanal que no dia 4 do proximo mez de julho vae apparecer no Porto.

O seu programma que abaixo publicamos é interessantissimo e temos a certeza que será cumprido integralmente.

Desde que se soube que ia apparecer esta publicação, tem sido innumeros os assignantes que de todas as partes tem vindo, mesmo de Hespanha e França appareceu um numero avultado de assignantes.

A importancia da assignatura é extremamente modesta e bem ao alcance de todos.

E' proprietario d'este jornal, o nosso sympathico amigo, snr. Antonio Machado Guimarães, gerente da importante livreria *Lugan et Genelloux* (Chardron).

O snr. Guimarães é um moço illustrado e activo, com as proporções devidas para dar á sua publicação toda a amplitude.

O prospecto resa assim :

«Romances—contos—viagens—sciencia ao alcance de todos—curiosidades—anedoctas—charadas—poesias—actualidades—biographias—revistas de theatro—criticas litterarias—humorismos—cousas uteis—narrativas historicas—leituras de familia—moral e religião—educação—progressos artisticos—maravilhas da industria—commemorações patrias—descripções de monumentos—antiquallas—usos e costumes estrangeiros, etc.

Cada numero constará de quatro paginas, a tres columnas, bom papel e typo. Publicar-se-ha aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, é de 1\$000 réis por anno, 500 réis por semestre 250 réis por trimestre; para a provincia, 1\$200 por anno, 600 réis por seis mezes e 300 réis por tres mezes. Numero avulso, 20 réis; fóra do dia, 40 réis. Anuncios, 40 réis a linha; repetições, 20 réis. Os snrs. assignantes gosarão o abatimento de 50 por %, nas suas publicações. Anuncios de publicações litterarias, gratis, mediante um exemplar.

Aos snrs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a comissão do costume, responsabilizando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escriptorio da administração—rua dos Caldeireiros n.^o 250—Porto.

Tambem se recebem assignaturas na **Livraria Chardon, & Lugan Genelloux**—successores, rua dos Clerigos, 96—Porto.

Imperador do Brazil.—Sua magestade é esperado em Lisboa no dia 17 do proximo mez. Vem embarcado no vapor *Gironde*, da companhia «Messageries Maritimes».

Preparam-se-lhe ruidosas festas.

Telegramma.—Recebemos de Albergaria Velha o seguinte telegramma:

23 de junho. —Grande entusiasmo pela criação julgado municipal, philharmonica percorre as ruas tocando, muitas vivas aos ex.^{mos} snrs. Mattoso, José Luciano, Augusto Castro e outras pessoas.

Pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes da demora na publicação d'este telegramma, porquanto recebemos-o com anticipação d'alguns dias á publicação do jornal.

Estada.—Esteve ante-hontem no Porto, o nosso particular amigo, o snr. Manoel Maria Pacheco de Castro Corte Real, alumno da Universidade.

Banho milagroso.—Quinta-feira passada, foi a villa de Agueda visitada por centenas de romeiros que se dirigiam á barra d'Aveiro para tomarem o milagroso banho—S. João.

SECÇÃO LITTERARIA

A SAUDADE

Foi n'uma noite de Maio,
Entre os suspiros da aragem,
Que eu a vi,
Quando a lua em franco raio
Espelhava a sua imagem
No rio que bate alli,

Ai! saudade!
Saudade do que passou!
Não me deixes n'esta magua,
Como ella me abandonou!

Sentada no seu eirado,
A' branca lua mandava
Meigo adeus,
Co'o pensar todo inliado,
Emquanto a briza ondeava
Os loiros cabellos seus.

Ai! saudade!
Saudade ameno pungir!
O que ella estava pensando
Ai! vem-mo aqui repetir.

Brancas vestes, prateadas
Pelos reflexos ciosos
Do luar,
Trajava ella, imprestadas
Dos espiritos formosos
Que em sonhos vemos no ar.

Ai! saudade!
Saudade ao que já vi!
Diz-me: foi aquillo um sonho?
Ou se não... porque o perdi?

Meigo o rosto lhe brilhava,
Como a perola que doura
Fronxa luz;
Languidamente pousava
Junto d'harpa inspiradora
Os marmoreos braços nus.

Ai! saudade!
Saudade, meigo penar!
Vem com teu pincel divino
Seu lindo rosto esboçar.

Ao manso bater das vagas
Misturava ella o seu canto
Seductor;
E do rio pelas fragas
Sam como seu doce pranto
Os echos dizendo—amor!

Ai! saudade!
Saudade do que morreu!
Dedilha a harpa dos anjos,
repete-me o canto seu.

Saudade,—agora que tudo,
Qual doce visão ligeira,
Já passou,—
Não seja o teu canto mudo:
Torna-me á vida primeira,
Não quero ser o que sou.

Ai! saudade!
Nas azas que te orvalhei
De amargo pranto sentido,
Ai! levanta-me insoffrido;
Môstra-me aquella que amei.

Latino Coelho.

A sesta

*Na rede, que um negro moroso balança,
Qual berço de espumas,
Formosa crioula repousa e dormita,
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.*

*Na rede perpassam as tremulas sombras
Dos altos lambis;
E dorme a crioula de manso emballada,
Pendidos os braços da rede nevada
Mimosos e nus.*

*A rede, que os ares em torno perfuma
De vivos aromas,
De subito pára, que o negro indolente
Espreguiça lascivo da bella dormente
As tumidas pomas.*

*Na rede suspensa dos ramos erguidos
Suspira e sorri
A languida moça cercada de flores;
Aos guinchos dá saltos na esteira de cores
Felpudo sagui.*

*Na rede, por vezes, agita-se a bella,
Talvez murmurando
Em sonhos as trovas cadentes, saudosas,
Que triste colono por noites formosas
Descanta chorando.*

*A rede nos ares de novo fluctua,
E a bella a sonhar!
Ao longe nos bosques escuros, cerrados,
De negros captivos os cantos magoados
Soluçam no ar.*

*Na rede olorosa, silencio! deixai-a
Dormir em descanso!...
Escravo, balança-lhe a rede serena;
Mestiga, teu leque de plumas acena
De manso, de manso...*

*O vento que passe tranquillo, de leve,
Nas folhas do ingá;
As aves que abafem seu canto sentido;
As rodas do engenho não façam ruido,
Que dorme a Sinhá!*

Gonçalves Crespo.

O DOTE

Pouca gente se admirou do casamento de Simão Lebrument com Joanna Cordier. Lebrument comparava o officio de tabellião ao honesto e bem conceituado Papillon. Precisava de dinheiro, é claro para o pagar, e Joanna tinha trezentos mil francos liquidos em bellas notas de banco e titulos ao portador.

Lebrument era o que se pode dizer um bello rapaz, um elegante, da provincia, mas emfim um elegante, o que não era raro em Boutigny-Rebours.

E a menina Cordier tinha uma certa graça e frescura, era, em resumo, uma bonita rapariga.

O noivado foi um verdadeiro acontecimento em Boutigny. Depois da cerimonia, os noivos que estavam radiantes e causavam inveja a muitos solteiros e solteiras do lugar, resolveram passar os primeiros dias da lua de mel no domicilio conjugal.

Em seguida iriam dar um passeio até Paris.

A lua de mel foi encanta lora. Lebrument soube desenvolver nas suas primeiras relações com sua mulher uma delicadeza perfeitamente notavel, e de tal modo se portou que ao cabo de 4 dias a joven esposa adorava verdadeiramente o seu marido.

Não podia passar sem elle, queria-o sempre ao pé de si, enchia-o d'affagos e caricias. Elle por sua parte pagava com usura todos esses mimos, n'uma palavra, aquella vida era um formoso idyllio que prometia prolongar-se indefinidamente.

Passada a primeira semana, o noivo disse por fim á sua gentil compaheira:

—Se tu queres, queridinha, partimos para Paris na quarta feira. Fazemos como dois amantes que não são casados.

Iremos aos restaurantes, aos theatros, aos cafés-concertos, a toda a parte, meu anjo, a toda a parte...

Ella ficou louca d'alegria:

—«Pois sim, mas é necessario irmos depressa.

E o noivo accrescentou:

Não devemos tambem esquecer os negocios, querido anjo. Diz a tua mãe que tenha o dote prompto. Levaremos o dinheiro para pagar ao Papillon.

Ella respondeu:

—Sim, sim. Digo-lh'o amanhã de manhã.

O dialogo foi interrompido por novas e prolongadas effusões de caricias.

Na quarta-feira seguinte, o sogro e a sogra acompanharam á estação a filha e o genro que partiam para a capital.

O sogro, prudente e canteloso, emittiu, esta opinião:

—Parece-me imprudencia levar tanto dinheiro para viajar.

O joven tabellião sorriu-se.

—Não tenha cuidado, papá, estou habituado a estas cousas. Bem sabe que na minha profissão acontece muitas vezes uma pessoa trazer mais d'um milhão consigo. D'este modo evitamos uma quantidade inutil de formalidades e de demoras. Não lhe dê cuidado. Póde estar certo de que não ha perigo.

N'este momento um empregado pronunciava o sacramental.—Os senhores queiram tomar os seus lugares, o comboio vai partir.

Os dois pombinhos precipitaram-se dentro d'um wagon onde se achavam duas senhoras de idade.

Lebrument murmurou ao ouvido da esposa.—Que aborrecimento! Não poderei fumar.

Ella respondeu tambem muito baixinho.

—E' verdade. Que contratempo! Que pena não podermos ir sosinhos!

A locomotiva sibillou e o comboio partiu. O trajecto durou uma hora, durante a qual os noivos pouco poderam fallar, porque as duas velhas não dormiam.

Chegados á gare de S. Lazaro, Lebrument disse á sua mulher:

—Se tu queres, minha querida, vamos agora almoçar ao boulevard. Depois iremos tranquillamente buscar a nossa mala para irmos para o hotel.

Ella approvou immediatamente o alvitre:

—Pois sim, vamos almoçar ao restaurante.

E' longe?

—E' um pouco longe é, mas nós vamos no omnibus.

Joanna admirou-se:

Porque não havemos d'ir de trem?

O marido reprehendeu-a logo, sorrindo. Como é assim que tu entendes a economia, louquinha? Tomar um trem por cinco minutos!

Nada, nada. E' preciso ser-se poupado.

—Tens razão, concordou ella, um pouquinho confusa.

Passava o grande omnibus, ao trote pesado dos seus tres cavallos.

—«Conductor! Eh! conductor.»

O pesado vehiculo parou. O joven tabellião, impellindo sua mulher para o omnibus, disse-lhe muito depressa.

—Olha, vaé ahí dentro.

Eu von lá para cima fumar um cigarro antes do almoço.

Joanna nem sequer teve tempo de responder.

O conductor que a segurava por um braço para a ajudar a transpor os degraus, impelliu-a para dentro do carro e ella foi cahir, assustada, sobre um banco, vindo ainda a travez dos vidros os pés de seu marido que subia para a imperial.

E ficou para ali, immovel, aturdida, entre um sugeito que cheirava horivelmente a cachimbo e uma velha que exhalava um fartum insuportavel de cães.

(Conclue).

Guy de Maupassant.

Desalento

A***

A quadra da vida, de amor e d'esp'ranças,
Tão leda, tão bella, p'ra mim já findou;
Fugiu-me, e apoz ella, tristeza, abandono,
Pezares bem amargos, sómente deixou.

Qual nauta perdido, sem leme, sem velas,
Julgando que á patria jámais voltará,
Nem faz por que livre da nau os escolhos,
Nem mesmo o seu rumo lhe importa ver já

Assim eu nem quero lembrar-me que um dia
Feliz inda o tempo me póde tornar;
A dôr que me opprime, pungente, afflictiva,
Nem quero que um balsamo a vá mitigar.

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

UMA VISÃO

(A minha madrinha a ex.^{ma} snr.^a
D. Felicidade Perpetua d'Araujo Leão)

Aquelle dia de Paschoa amanheceu formoso. A alvorada vibrou sorridente no silencio da terra somnolenta. Os ninhos despertaram alegres, e revoadas de cotovias bateram, azul fóra, em doida chilreada.

Os primeiros raios do sol vieram illuminar o quarto de Armando.

E o sol nascente encontrou-o no mesmo leito de dôr e desespero onde ha dias permanecia retido por uma angina.

Estava pallido. A doença calcinou-lhe os labios com febres prolongadas, e pôz-lhe nas faces uns tons cadavericos...

Era tal a serenidade d'aquelle dia, que nem um sopro de aragem fazia estremecer docemente a ramaria.

Lá fóra, tudo eram risos e flores, mas alli, n'aquelle quarto, havia o silencio dos cemiterios.

Armando estava só, não havia pessoa alguma que velasse por elle, que o chorasse, ninguém, nem familia, nem amigos...

As noites eram horriveis para elle. Durante o dia ainda via o ceo, ouvia os trinados das avesinhas, aspirava os effluvios perfumados dos laranjaes que a brisa lhe levava; mas, de noite, apenas via a claridade amortecida d'uma lampada.

Estava para alli, ermo, abandonado, sem carinhos, sem lagrimas a não ser as que lhe bailavam nos olhos!...

Lá muito longe, n'outra terra que também é sua, n'aquelle dia, n'aquelle domingo, para alguém que lhe pertence, ha sorrisos e esperanças, affectos sem limites; todos fallam de vida, de venturas e de mocidade; para elle só ha magoas e desgostos!

De todos esses corações que folgavam não brota um suspiro de paixão pelo moribundo; de todas essas almas que riem não sahe uma lembrança saudosa por aquelle que soffre!

A festa continua, a alegria cresce; ha gargalhadas, phrases amaveis para a visita recém-chegada — e não ha sequer a esmola d'uma saudade pungente para Armando doente; ninguém repara no seu logar que se acha vago!

Todos o esqueceram, só elle se recorda de todos!

Decididamente foi esquecido!

Os gritos d'alegria abafam os gemidos de tristeza!

Os que gosam não se lembram de quem padece!

Ao entardecer o doente cahiu em profunda agonia.

Os ultimos raios do sol douravam os vidros da janella, unica que existia no quarto d'Armando e por onde elle via o céu e aquella barra de vermelhidão e ouro que o sol deixa ao desaparecer do horizonte.

A agonia do doente augmentou. De quando em quando soltava um suspiro e ao recordar-se da familia, lagrimas semelhantes a perolas rompiam-lhe dos olhos.

E vinham-lhe á mente o tempo passado, os logares amigos, os campos, os montes, a carvalheira secular junto da casa onde nascera a fonte, o quintal plantado de laranjeiras, o muro forrado de nogueiras, tudo, em fim, que n'outro tempo lhe servira de encanto!

Este cogitar doloroso feria-lhe o coração!

Pensava que ria para uma cova solitaria sobre a qual não gottejassem o orvalho de lagrimas amigas!

Os seus pensamentos deslisavam todos tristemente pelos paramos da saudade...

A lampada derramava um clarão bruxuleante, cada vez mais fraco.

Morrer longe de todos os entes queridos é dolorosissimo!

—Feliz de quem pode morrer nos braços dos seus! murmurou Armando.

Fechou os olhos e chorou silenciosamente... depois resou. No fim da prece, as lagrimas deixaram de correr e os seus olhos orlaram-se de purpura. Tinha-os ensanguentados...

Ficou mais socegado... parecia dormir... e sorria...

E' que tivera uma visão. Julgou ver no céu, onde pestenejavam as estrellas, a sua irmã pequenina — a Juliinha, a sorrir-lhe e a chamar por elle com a mãozinha. Aquelle anjinho promettia-lhe paz e felicidade!

Apagou-se a visão e Armando continuou a sorrir...

Porto, maio de 87. A. Leão Martins.

NO ALBUM

D'uma francesa residente em Portugal.

Se tu soubesses!... Perdão.
Si tu savais, mad'moiselle,
que sympathia m'impelle
boa, cheia d'isenção!
quel penchant... Oh! la cruelle
confusion! Mas confusão,
après tout, si naturelle!
Se tu soubesses!... Perdão.

Si tu savais. Nem eu sei já.
Il y a des mots, qu'on n'oublie;
não se pode, on ne peut pas,
fallar-te assim... comme ça
da doce melancolie
de tes yeux... Ah! m'y voilà,
je parlais de sympathie...
E' isto... c'est bien celà...
il y a des mots qu'on n'oublie.

Des mots, que ninguém esquece...
E esse olhar... Valha-me Deus,
on dirait, á la tristesse
dont ce regard nous caresse
qu'une larme, un jour, dos céos
de uns olhos d'anjo viesse
afogar-se em luz nos teus,
leur disant, valha-me Deus,
des mots... que ninguém esquece.

Fernando Caldeira.

AS POMBAS

Vão-se a primeira pomba despertada...
Vão-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombares, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Ropra, aos pombares de novo ellas, serenas,
Suflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um celeres voam,
Como voam as pombas dos pombares;

No azul da dolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombares as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais.

Raymundo Corrêa.

ABRIL

Da radiosa madrugada
a luz placida e doirada
tinge a relva perfumada
d'um tom candido e subtil.
Dos outeiros nas espaldas
entrelaçam-se em grinaldas
os rubins e as esmeraldas
d'esse milionario—Abril.

A vibrante e rosea vaga
todo o firmamento alaga.
Na floresta immensa e vaga

pulsa uma vida febril.
Dos renôvos na medulla
a seiva em jorros circula.
Uma genése pullula
ao sopro ardente d'Abril.

Tudo sorri, tudo canta,
o regato, o insecto, a planta!
N'uma alacridade santa
resplandece o ethereo anil.
Tombando das zonas cêrulas
em tenuissimas espherulas,
o orvalho cobre de perolas,
as violetas de Abril.

Escutai! Vem do occidente
um murmurio que se sente
augmentar... Eis de repente
uma andorinha! dez! mil!
Ah! queridos amiguinhos!
Bebés do azul, passarinhos!
Vinde! Fazei vossos ninhos!
Hossanah! Chegou Abril.

Jayme de Seguir.

Mulher! esse sorriso d'um languido suave
que sempre desenrola a tua virgem bocca,
embebada-me o peito, alegre como uma ave
quando voa no espaço, anciosa, febril, louca.

E n'este enervamento intimo de minh'alma,
sinto-a voar no azul chimerico dos ares,
como enorme paixão melodiosa e calma
levada pelo fogo amplo de taes olhares.

Eu bem quizera andar por lá eternamente,
traçando as aspiraes do sonho e d'alegria!
Mas teu coração vem rir-se doidamente,
como um doido hydropico em feixes d'ironia...

Então, nem sei, mulher! que venha a ser o mundo:
se olympica fornalha accessa só em dores,
se ideal immenso, oceanico, profundo
banhado do luar choroso dos amores!...

1886.

João Chrysostomo.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPO

Ao snr. A. Pinto

auctor do logogripho do n.º antecedente:

(RETRIBUIÇÃO)

Por mais voltas que desse
ao "miolo", não fui capaz
de matar o "ferrabraz"!
— E esta!... Que lhe parece?! —
Mas... em summa...

Oh! "anjo", que eu tanto adoro 8,9,2,3,8,4,7,10.
Com uma excelsa affeição,
Só uma cousa deploro
Oh! anjo que eu tanto adoro: 1,10,3,6,5,4,9,8,7,2.
Não ver's o meu coração
E as lagrimas que choro,
Oh! anjo que eu tanto adoro 8, 3, 6, 5, 2.
Com uma excelsa affeição.

Quando me filas creança,
Um sol d'amor vou achar,

Mostrame sempre a esp'rança
D'alguem dia te gozar...

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

Decifração das charadas novissimas
do n.º 14

Clara-boia—E' brio.

Caloiro.

Decifrações do n.º antecedente

Horas vagas:
Da charada em verbo: Agua-pé.

PEROLA

VALSA PARA PIANO

POR

ANNIBAL VASCO LEÃO

A' venda na rua do Pinheiro, 61

Preço . . . 600 reis.

ANNUNCIOS

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C^a

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.

Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.

José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.

Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com
especialidade as marcas
FLATTING e CRYSTAL,
tanto de primeira como
de segunda qualidade.



E' já bem conhecida a superioridade
d'estes vernizes.

Dá-se amostras a
quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 25000 reis.

Desconto para revender.

IMPRENSA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.